

PRECONCEITO: UMA QUESTÃO MARCANTE E EXTREMAMENTE PRESENTE NO SÉCULO XXI

Autor: José Ivanildo da Silva Soares (1), Coautor: Carlos Alberto Dantas Silva (2), Coautor:
José Olavo dos Santos (3).

Mestrados em Ciências da Educação pela UNIGRENDAL (1),(2),(3), e-mail: soasivanildoprof@hotmail.com

Resumo: A pesquisa ora apresentada trata de um assunto abrangente e presente na atualidade: o preconceito. O objetivo desse artigo é compreender melhor as concepções teóricas sobre essa temática e apontar os principais grupos sociais atingidos por ele. Partimos de conceitos e estudos já realizados por autores (as) que estudam o preconceito, o racismo e a discriminação decorrentes deste. Discorremos a respeito de vertentes suscetíveis ao assunto citando exemplificações de como ele (o preconceito) está arraigado nas sociedades e, por conseguinte algumas de suas várias faces. Em primeiro plano mostramos como o preconceito étnico tem sido uma das causas mais significativas de discriminação. Outra abordagem sobre o tema da pesquisa, a discriminação social, foi enfatizada a respeito da sociedade no Brasil, desde sua formação após a chegada dos colonizadores. O preconceito religioso, tema que merece respeito e serenidade, pois religião deve assim ser tratada, foi relacionado como um importante fator preconceituoso diante das várias orientações religiosas presentes nas sociedades. A homofobia, preconceito baseado na orientação sexual, temática muito debatida na atualidade, combatida com veemência por grupos como o LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis/transsexuais), foi tratado de forma breve. A misoginia, preconceito contra as mulheres, foi analisado do ponto de vista histórico. Após o levantamento bibliográfico de teóricos como Adorno (1996), Barbosa (2014), Fernandes e Costa (2009), Nogueira (2006), Karnal (2017) e outros, percebemos como o preconceito se perpetua na sociedade e, seja em espaços públicos ou particulares, de certa forma mostra-se presente, ora discretamente, ora latente. Ao final da pesquisa podemos perceber que o papel do educador deve primar sobre uma vertente não preconceituosa do ponto de vista do seu trabalho em si, a educação, e encontrar metodologias que desmistifiquem o preconceito e não o perpetuem no cotidiano escolar.

Palavras-chaves: Preconceito. Discriminação. Racismo.

INTRODUÇÃO

O preconceito é questão merecedora de profunda atenção, pois é característica das sociedades humanas ao longo de sua história e que pode comprometer negativamente o trabalho e a prática do educador. O papel do educador é o de procurar realizar seu papel social e profissional baseado na igualdade de direitos e deveres dos seus aprendizes. Nesse sentido, é de suma importância evitar cotidianamente que sua prática docente seja ou se torne preconceituosa.

Mas, quais são as principais causas e consequências do preconceito perante aqueles que são afetados direta ou indiretamente por ele? Quais são os grupos da sociedade que mais sofrem com esse mal? Como o educador pode contribuir para minimizar esse obstáculo?

Portanto, o nosso objetivo, ao pesquisar o preconceito é compreender melhor as concepções teóricas sobre essa temática e apontar quais são os principais grupos sociais

atingidos por ele e encontrar, talvez, caminhos educativos que norteiem o trabalho docente no ensino fundamental para uma educação mais igualitária, humana e não excludente.

DEFINIÇÕES A RESPEITO DE PRECONCEITO

Conceito antecipado; opinião formada sem reflexão (BUENO, 1996, p.522), essa ideia preconcebida sobre algo (gênero, origem, religião, orientação ou escolha sexual dentre outros (as) ideias), é o que comumente pode ser classificado como “preconceito”. Está arraigado no desconhecimento sobre o outro ou o grupo do qual não se pertence, daquilo ou daquele que é diferente.

De acordo com Fernandes e Costa (2009, p. 20)

Sabe-se que o prefixo PRE indica antecedência, ou seja, algo que vem antes. CONCEITO é algo concebido, síntese de uma ideia, juízo que se faz de algo. Preconceito então é conceito ou opinião formada antecipadamente. Daí já se percebe o perigo em sua adoção, como é possível ter-se um juízo correto sobre algo que o sucede, como se pode ter em mente um conceito antes de conhecê-lo em profundidade.

Podemos observar, grosso modo, pela sua acepção, que o preconceito é tendencioso e denota atitudes discriminatórias, porque parte de um pensamento simples, superficial, não aprofundado sobre determinado assunto, indivíduo ou grupos de pessoas ou até mesmo sobre definida ideia, modo de viver e ver o mundo.

CAUSAS DO PRECONCEITO

Segundo Munanga (2013), o preconceito é causado pelas diferenças dos grupos humanos, etnias, por classes sociais e pode ser caracterizado pela evitação (evitar o outro ou o grupo pelo qual há preconceitos). É influenciado frequentemente e simplesmente pela cor da pele das pessoas, critério morfológico fortíssimo da discriminação, e ainda destaca que uma das mais contundentes manifestações da evitação do outro é o preconceito étnico.

Conforme foi defendido por Nogueira (2006, p.292), existem dois tipos de preconceito racial, um de “marca” e outro de “origem”:

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca;

quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem.

Nesse sentido, o preconceito racial se revela por um lado, pela simples diferença no traço físico de um indivíduo em relação aos membros de um grupo social e por outro lado se mostra apenas pela hipótese de que determinada pessoa possa vir a pertencer a outro grupo étnico. Entretanto, a melanina, fator biológico que define a cor da pele, não deveria ser um modo de distinguir um ser humano ou grupo de seres humanos. Defendemos, a propósito, que não deveria haver diferenças entre os seres humanos, talvez seja utopia imaginar que a igualdade é o caminho para a paz. Mas defendemos que é a melhor via para a tolerância entre os homens.

Outro princípio do preconceito está relacionado à divisão das classes sociais. Os ricos se acham superiores à classe média e à classe pobre, e estas são constantemente oprimidas, desrespeitadas e desvalorizadas pelos “poderosos” principalmente pela diferença socioeconômica. Concordamos com o pensamento de Fernandes e Costa (2009, p. 22), quando afirmaram que:

Como as classes sociais estão intrinsecamente ligadas às classes raciais, nas quais a ideologia do branco é a dominante, é natural concluir-se que o senso comum orienta a manifestação do preconceito para garantia do quadro social, ou seja, anular qualquer perspectiva de mobilidade social por parte da raça negra.

Nesse sentido, podemos perceber o quanto o preconceito está implícito no cotidiano, é praticado rotineiramente como normalidade tendenciosa e se faz necessário até como ideologia mantenedora de garantia do quadro social por parte da classe dominante, geralmente branca, em detrimento da classe dominada que em geral é negra.

Ao aprofundarmos sobre o histórico da formação da sociedade brasileira, na condição de colônia portuguesa, descobrimos que foi pautado no preconceito social, outro tipo de preconceito. De um lado “os senhores de engenho”, europeus, brancos; do outro “os escravizados”, primeiramente parte de grupos de indígenas e num segundo plano os africanos. Desse modo, temos que reconhecer: desde sua formação ainda como colônia portuguesa, mais tarde como sociedade, O Brasil já se iniciou como uma sociedade preconceituosa socialmente, pois não foi dado o devido respeito aos nativos e aos africanos trazidos para cá. As crenças, costumes e culturas dos autóctones dessa terra e dos afros foram combatidos pelos

colonizadores. Por intermédio da força e da ideologia europeia, índios e africanos foram censurados, domesticados e tratados como coisas.

Abordaremos a seguir sobre outro preconceito que tem como base a religião. Para Bueno (1996, p.565) a religião, “conjunto de práticas e princípios que regem as relações entre o homem e a divindade”, deveria trilhar pelo caminho da igualdade entre as pessoas e nessa vertente primar pela negação do preconceito. Porém, a realidade apresenta-nos oposta e nem sempre tal proposição é cultivada e disseminada pelos grupos religiosos. Sendo assim, o preconceito religioso, tema que merece respeito e serenidade, pois religião deve assim ser tratada, é mais um importante fator preconceituoso diante das várias orientações religiosas presentes nas sociedades, tem sido causa de guerras entre muçulmanos e católicos, entre católicos e evangélicos, entre evangélicos e adeptos de umbanda, por exemplos, e em muitos lugares do mundo nos dias atuais gera conflitos quase insolúveis.

Segundo Silva (2004, p. 6), “religião sempre foi um assunto de vida e morte, não somente em termos de suas próprias funções (batismos e funerais), mas também um assunto existencial decisivo para milhões de pessoas”. Nesse contexto, fica claro que a religião emana uma ligação humana e divina necessária, se não para todos, mas sim para a maioria das pessoas.

Um exemplo recente de intolerância religiosa foi o ataque terrorista ao jornal francês Charlie Hebdo¹, ocorrido em sete de janeiro de 2015, em Paris, resultando em várias pessoas feridas gravemente e doze mortos. O ataque à redação do veículo foi referido aos islamistas e gerou ainda mais conflitos em relação aos muçulmanos que residem na Europa. Casos como o citado, gera uma revolta social avassaladora e por consequência mais desavenças são geradas.

Não apenas o preconceito religioso tem se tornado um problema, além dele o que discrimina a condição sexual, cunhado de homofobia tem sido amplamente utilizado para a conceituação do preconceito e discriminação contra indivíduos que apresentem orientação sexual diferente da heterossexual (COSTA; NARDI, 2015, p.716). Esse fenômeno vem tomando uma conotação muito ampla nas últimas décadas, no entanto, está sendo combatida pelo chamado grupo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis/transsexuais) e apoiado pela mídia (redes de televisão, jornais impressos, revistas, etc.).

¹ Charlie Hebdo é um jornal semanal satírico francês. Ricamente ilustrado, ele publica crônicas e relatórios sobre a política, a economia e a sociedade francesas, mas também ocasionalmente jornalismo investigativo com a publicação de reportagens sobre o estrangeiro ou em áreas como as seitas, a extrema direita, o cristianismo, o islamismo, o judaísmo, a cultura, entre outros temas. A publicação frequentemente satiriza o Partido Comunista Francês, o catolicismo conservador, a hierarquia judaica e o fundamentalismo islâmico.

A misoginia, segundo Karnal (2017), é o mais antigo, o mais sólido, o mais presente e o mais estruturado na história da humanidade. Para o historiador esse preconceito sempre esteve arraigado historicamente nas mais diversas sociedades humanas. Assim sendo, a mulher, no passado, foi deixada de lado sobre as decisões, subjugada pelos homens, tomada como objeto do desejo e da submissão. Porém, os movimentos feministas têm lutado contra essa situação, pela igualdade de direitos, tais como: votar e ser votada, estudar, ter uma profissão, escolher seu companheiro ou companheira, dentre outros direitos básicos. Desta forma, por meio da luta pela igualdade de direitos as mulheres têm conseguido mudar sua trajetória na história da sociedade. Na atualidade já existem inúmeras mulheres governando cidades e até países, galgando profissões, cargos e funções antes ocupados apenas pelos homens. Desta feita, o universo feminino tem conseguido ocupar cada vez mais espaço na sociedade moderna.

METODOLOGIA

Para esse trabalho fizemos uma pesquisa bibliográfica com a abordagem qualitativa, através de uma revisão de literatura de vários autores, tais como: Adorno (1996) que trata da violência e do racismo; Barbosa (2014) que aborda a chaga do racismo nos Estados Unidos da América; Fernandes e Costa (2009) que apresenta os conceitos e os preconceitos; Nogueira (2006) que mostra o preconceito racial de marca e preconceito racial de origem; Karnal (2017) com suas explicações sobre a misoginia e outros estudiosos, com o objetivo de conhecer as concepções teóricas acerca do mesmo. Pretendemos com o resultado desta pesquisa, sugerir alternativas e possibilidades de trabalho de forma contextualizada e interdisciplinar dentro do contexto escolar, na finalidade de contribuir para um melhor convívio entre os alunos os quais lecionamos e a comunidade escolar como um todo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao educador é necessário conhecer as concepções teóricas a respeito do preconceito e suas várias facetas e tipologias. Ao examinar os pensadores dessa temática passamos a compreender melhor quais algumas causas desse problema social que se reproduz no ambiente escolar, mas que pode e deve ser levado em consideração para o trabalho docente. O racismo, preconceito étnico, já “reinou” na África do Sul com a Apartheid², enquanto à

² A apartheid [apartáid] ("separação") foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

imensa maioria negra daquele país restava a obrigação de obedecer com rigor à legislação separatista. Na atualidade, o racismo ainda provoca intolerância nos Estados Unidos da América, apesar de até recentemente ter sido governado por um negro, o ex-presidente Barack Obama.

Os EUA contabilizam hoje 591 grupos que pregam supremacia racial (nacionalismo branco, skinheads, neonazistas e da Ku Klux Klan), num movimento que se acentuou após a primeira eleição de Obama, segundo o Centro Legal de Pobreza do Sul. Há, em resposta, 113 grupos separatistas negros (BARBOSA, 2014, s/p).

Para a colunista acima mencionada “mesmo os afro americanos mais preparados do que os brancos tem menos oportunidades” denotando uma discriminação sistemática no país que se declara o mais democrático entre as democracias, e ainda afirma que:

É bem conhecida a realidade histórica dos EUA: os negros amargam desemprego e níveis de pobreza muito maiores, padrões de educação formal e salários menores. São o elo fraco da crescente desigualdade americana — e suas crianças sofrem particularmente, entre as minorias no país: 42,5% daquelas com menos de 5 anos são pobres. O acesso à educação é um dos pilares da disparidade racial. A garotada negra tem menos acesso a creches e pré-escola, fatores fundamentais para o sucesso acadêmico e profissional. Seus pais têm menos recursos para bancar a pré-educação e o Estado não investe o suficiente em instituições públicas, simplesmente não é prioridade da agenda nacional (BARBOSA, 2014, s/p).

Apesar do discurso de que o Brasil é um país multicultural, pacífico e não preconceituoso e que nega a discriminação racial no país, não é difícil ver reações de racismo no cotidiano da vida social brasileira. Segundo Adorno (1996, p.1)

Diferentes clivagens contribuem para este cenário social: situação ocupacional, carência de profissionalização, baixa escolaridade, gênero, origem regional, idade e, acima de tudo, cor. Negros -- homens e mulheres, adultos e crianças -- encontram-se situados nos degraus mais inferiores das hierarquias sociais na sociedade brasileira, como vêm demonstrando inúmeros estudos e pesquisas. A exclusão social é reforçada pelo preconceito e pela estigmatização.

Nessa perspectiva, o racismo mostra-se como realidade escancarada, excludente e necessita mudança que pode partir da educação. O poder econômico das classes mais abastadas desconsidera os direitos das classes sociais menos favorecidas financeiramente,

desvalorizam e, por conseguinte discriminam os pobres, e pelo fato de ser desprovida de bens ou de dinheiro, a classe “baixa”, assim cunhada pelos ricos, é menosprezada.

A distinção entre religiões várias (judaísmo, hinduísmo, budismo, cristianismo, islamismo e outras) também tem sido pautado na indiferença, apesar das políticas de pluralidade religiosa em países como o Brasil, por exemplo. Em alguns países do Oriente Médio, católicos vem sendo decapitados por grupos que se dizem muçulmanos, apenas por professarem uma fé diferente da maioria da população islâmica desses países.

Nesse sentido, a diversidade religiosa, ainda nos dias atuais, é causa sim, de exagerada discriminação, fator de desavenças, conflitos infindáveis que alimentam a dor e o sofrimento nas sociedades mundo afora.

Sobre o preconceito contra o feminino como bem nos assegura Karnal (2017), a misoginia, outra classificação de discriminação, é o mais antigo e mais estruturado da raça humana. Neste contexto, vem sendo praticado há milênios pelas diversas sociedades da humanidade, mas nos dias atuais está sendo discutido e resistido por parte dos grupos e movimentos feministas.

Entendemos que discutir o preconceito, evitar sua prática, surge como necessidade contínua e deve ser uma premissa constante na labuta dos educadores. É de fundamental importância à construção de uma sociedade, que esteja apoiada na verdadeira e fraterna igualdade de direitos e deveres. Entretanto, esse câncer social não liberta a humanidade para viver uma vida mais harmoniosa em sociedade.

CONCLUSÕES

Após o estudo sobre o tema, observamos que as várias formas de preconceitos podem levar a diversas maneiras de discriminação, sejam elas: étnicas, socioeconômicas, de gênero, religiosas, dentre outras. Diante de tantas indagações é importante salientar que o educador deve tomar como primordial a tarefa de esclarecer aos seus docentes numa prática rotineira, o abandono a qualquer forma de preconceito. Seja no ensino fundamental, médio ou superior.

Sugerimos que a formação continuada do educador deve primar constantemente sobre uma ótica e entendimento científico das várias faces do preconceito, ter conhecimento profundo sobre esse assunto é fundamental na formulação de planejamento capaz de superar os males infligidos por ele. Assim sendo, podemos combatê-lo e evitá-lo no cotidiano escolar.

Ao final da pesquisa, podemos perceber que o papel do educador deve primar sobre uma vertente não preconceituosa do ponto de vista do seu trabalho em si, a educação, e

encontrar metodologias que desmistifiquem o preconceito e não o perpetuem no cotidiano escolar.

Nós, os educadores, de qualquer nível de aprendizagem, devemos atuar com atividades interdisciplinares, sempre na primazia de combater o bom combate, na luta por uma sociedade mais fraterna, igualitária, menos preconceituosa e aberta ao diálogo na procura interminável pela paz social, do contrário, o preconceito, a discriminação, o racismo e os males decorrentes destas práticas se perpetuarão e os principais grupos da sociedade alcançados por eles jamais terão sossego.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.18, 1996.

BARBOSA, Flávia. **A chaga do racismo nos EUA**, em 06/05/2014.O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/a-chaga-do-racismo-nos-eua-12403112#ixzz4sCgnf0sA>>. Acesso em: 09/09/2017.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Ed. rev. e atual. Por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1999, p.522 e 565.

COSTA, Ângelo Brandelli. NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e Preconceito Contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual. **Trends in Psychology**/Temas em Psicologia-2015, Vol. 23, nº3, 715-726.

FERNANDES, Sueli de Cássia Tosta. COSTA, Vivian Ferreira. **Discurso do Texto Didático da Disciplina História: Os Conceitos e os Preconceitos**/ Sueli Fernandes, Vivian Costa. - Bebedouro: Fafibe, 2009. 86 f.; 29,7 cm Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras - Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009. Bibliografia: f. 77 – 80. Disponível em:<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistalettrasfafibe/sumario/6/14042010181545.pdf>

KARNAL, Leandro. **Protagonismo da MULHER na sociedade - Feminino e Misoginia**. Palestra do evento “Alegria de Ser Mulher”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pze2mum7FEw>>. Acesso em: 02/09/2017.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**: Disponível:<<https://ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>>. Acesso em: 24/06/2017.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/ts/article/download/12545/14322>>. Acesso em: 03/09/2017.

SILVA, Eliane Moura da. [elmoura@unicamp.br] **Revista de Estudos da Religião** N° 2 / 2004 / pp. 1-14 ISSN 1677-1222.